

TENSIONAMENTOS DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO EM A MENOR MULHER DO MUNDO

rafael schultz myczkowski

Com quarenta e cinco centímetros, encontrada pelo explorador francês Marcel Pretre no Congo Central e necessariamente fotografada, uma pequeníssima mulher tem sua imagem com entrada livre nos lares através de exemplares de jornais. Divulgado seu retrato impresso colorido e no tamanho real, a imagem da menor mulher do mundo (como assim definira o catalogador) circulou em uma edição de domingo, extirpada de sua singularidade e multiplicidade, passando a uma subsistência outra como simulacro. Lançada à idolatria da imagem, “[a]li estava uma mulher que a gulodice do mais fino

35

sonho jamais pudera imaginar”¹. Ao certo, estava ali a fatia de tempo congelada do objeto. Em uma das casas, ao ver a fotografia no jornal, uma moça “teve um êxtase de piedade”². Referiu-se à foto e à retratada na imagem com diminutivos: retratinho, coitadinha, ela é tristinha. Em resposta “(...) disse a mãe, dura e derrotada e orgulhosa – mas é tristeza de bicho, não é tristeza humana”³. A representação da pequena mulher deslizou entre as mãos ansiosas e encontrou um mundo onde a facilidade em assimilação de alucinações negativas é bem recebida. Um mundo que cria representações e imagina representar elas mesmas na modificação da realidade. Com *Clarice Lispector*, em *A menor mulher do mundo*, escrevo.

Aos olhos do explorador, a menor mulher do mundo é madura, negra, calada e

fisicamente muito pequena. É clara a referência ao processo de colonização do continente africano e o papel do antropólogo em catalogar e nomear possessivamente. Porém, a personagem pode representar uma somatória de estigmas – sobre sua nacionalidade, gênero, seu pertencimento grupal, através de uma ideia de raça e condição física. O estigma mesmo é o próprio engessamento de categorizações e expectativas sobre o corpo outro, absolutamente redutor, moral, molar, gerador de reducionismos, generalidades. A reconhecimento, identificação e diferenciação tendo em vista a busca de similaridades entre elementos que compõem o mundo. Há então a diferença como categoria de algo que foge a um modelo transcendente e inalcançável de normalidade e avizinha-se ao modelo ideal da anormalidade.

Como vocabulário corrente na sociedade, referindo-se ao considerado exótico,

Lispector propositalmente usa o termo *pigmeu* para designar o grupo de pessoas com baixa estatura, denominado Likoualas (que não por acaso, é o nome de um dos doze departamentos da República do Congo). A designação *pigmeu* é vastamente usada para definir qualquer grupo, em geral considerados tribos, que apresentam baixa estatura. Apesar desses povos considerarem o termo preconceituoso e preferirem ser referenciados pelo nome de sua tribo, a definição foi enraizada no vocabulário do ocidente pelo colonizador. O que nos interessa perceber nesse momento é a predominância da condição física como reconhecimento de um indivíduo ou grupo, limita-lo a codificação física de sua existência. *Pequena flor*, como é batizada pelo explorador, é reduzida a imagem de um corpo que a torna diferente, segue deslizando sua imagem em uma constante atualização, a explícita efígie rompendo devires

animais, devires piedosos, devires egoístas. Da curiosidade à negação da imagem dessa mulher, os comentários oscilam entre repulsa, extrema compaixão, piedade, curiosidade e a vontade de ter para si um “objeto” tão raro. Ao lembrar seu próprio sentimento, quando aos cinco anos de idade viu a imagem da pequena mulher e escutou os comentários dos adultos, anos depois a menina pode compreender o sentimento que a tomou: “a desgraça não tem limites”⁴.

39

O limite do infortúnio não era a menor mulher do mundo, além de tudo, ela estava grávida. O pesquisador, antropólogo, a examina metodicamente e, então, foi “neste instante que o explorador, pela primeira vez desde que a conheceu, em vez de sentir curiosidade ou exaltação ou vitória ou espírito científico, o explorador sentiu mal-estar. É que a menor mulher do mundo estava rindo”⁵. A coisa rara ria quente,

gozava a vida, ria devido ao êxtase de, em meio a tantos predadores e dificuldade de sobrevivência, ela ainda não tinha sido devorada pelo explorador. O possível predador, ao tentar responder aquele sorriso em meio à grande dúvida da situação inesperada, sentiu-se perturbado. Arrumando seu chapéu, recompôs a postura e voltou a anotar. Mas o que de tão desconcertante estava embutido nesse sorriso?

O *fenômeno vivo* midiaticizado, explorado, coisificado sorria o aumento de potência inesperada, também analisava o homem à sua frente. Rompia a estrutura rígida da generalidade com uma atualização risiva que o encontro pôde romper. Nesse sentido, o desconforto do explorador foi suspeitar que seu objeto de estudo existisse em complexidade. Parte da substância do mundo, Pequena flor é a expressão de infinitos atributos infinitos. Produz-se da multiplicidade, atravessada por forças, virtualidades

que atualizam-se e dos encontros que a tornam outra, repetições. Todos os seres são singulares, muitos têm particularidades, todos são insubstituíveis.

Notas

¹ (LISPECTOR, 2009, p.70)

² (Ibid,p.71)

³ (Ibid.).

⁴ (Ibid, p.71).

⁵ (LISPECTOR, p. 73).

41

Referências

LISPECTOR, Clarice. *A menor mulher do mundo*. In: Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Deleuze, Gilles. *A lógica do sentido*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva. 1988.

_____. *A concepção da diferença em Bergson*. In: Bergsonismo. 1ª ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.